

A CIDADE QUE SE MOVE: MUTABILIDADES DA PAISAGEM NO LESTE METROPOLITANO DO RIO DE JANEIRO

The city that moves: mutables landscape in metropolitan east of Rio de Janeiro

Eloisa Carvalho de Araujo¹

RESUMO

A presente reflexão tem como cenário as regiões leste e oceânica da cidade de Niterói, e suas bordas com a cidade vizinha de Maricá. Visa estabelecer diálogo entre o fenômeno da periferização e da urbanização dispersa, apresentando para isso uma base teórica que se apoia na expressão periferia urbana, relacionada ao próprio espaço urbano, reconhecível através de formas especialmente aptas a assegurar determinadas relações sociais, certos tipos de comunicação e transmissão de atividades. Pretende-se articular algumas recentes contribuições que reforçam a ideia do direito à cidade e à natureza, ao sentido da sustentabilidade. A cidade que se move, e ao mover-se soma uma série de paisagens, que precisam se organizar a partir das necessidades que surgem com a cidade difusa, passando a viabilizar uma ideia de território, que não se esgota, se reinventa para absorver os efeitos externos e internos do urbano que se transforma, como expressão da diversidade.

Palavras-chave: Paisagem. Cidade. Periferia urbana. Urbanização dispersa.

ABSTRACT

This reflection is set in the east and oceanic regions of Niterói city, and its borders with the neighboring city of Maricá. It aims to establish dialogue between the phenomenon of periphery and urban sprawl, presenting to it a theoretical basis that is based on the urban periphery expression related to urban space itself, recognizable through especially suitable forms to ensure certain social relations, certain types of communication and transmission activities. It is intended to articulate some recent contributions that reinforce the idea of the right to the city and the nature, towards sustainability. The city that moves and move adds a series of landscapes that need to organize from the needs that arise with the diffuse city, going to enable an idea of territory, which is not exhausted, reinvents itself to absorb external and internal effects of urban that becomes as an expression of diversity.

Key words: Landscape. City. Urban periphery. Urban sprawl.

¹ Arquiteta Urbanista. Doutora em Urbanismo pelo PROURB/FAU/UFRJ. Mestre em Geografia pela UFRJ. Docente do Departamento de Urbanismo da EAU/UFF e do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo – PPGAU/UFF. eloisa.araujo@gmail.com.

✉ Rua Alvares de Azevedo, n. 173, apto. 701, Icaraí, Niterói, RJ. 24.220-020.



INTRODUÇÃO

A presente reflexão tem como cenário as regiões leste e oceânica da cidade de Niterói, e suas bordas com a cidade vizinha de Maricá, suas formas urbanas recentes em um contexto da urbanização dispersa.

Trata-se de oportunidade de retomar investigação relacionada ao início de minha trajetória como pesquisadora quando procurei descrever a realidade da periferia e o processo de transformação do eixo compreendido pela área fronteiriça entre os municípios de Niterói – São Gonçalo – Maricá, suas diferenças e práticas, através das quais a urbanização prossegue.

No presente artigo, pretendo, para dialogar com o fenômeno da periferização e urbanização dispersa, apresentar uma base teórica que se apoia na expressão periferia urbana, como relacionada ao próprio espaço urbano, reconhecível através de formas

especialmente aptas a assegurarem determinadas relações sociais, certos tipos de comunicação e transmissão de atividades. A ideia pretendida é de demonstrar a atualidade das categorias de análise em face da realidade exposta. Onde se percebe na preocupação com a organização do novo espaço e na distribuição das sequências de ocupação, dispositivos de controle do espaço urbano.

Nesse sentido também se pretende articular algumas recentes contribuições que reforçam a ideia do direito à cidade e à natureza, em especial, ao sentido da sustentabilidade. Na análise sobre a periferia urbana Corrêa (1986) enfatiza que é nesta que se verifica a mudança do rural para urbano. E essa periferia rural-urbana se legitima através de processos sociais especializados. Já a produção do espaço, social e material, protagonizada por Lefebvre (1999; 1991) tenta relacionar o ambiente transformado a partir da paisagem na expansão urbana. Novas formas espaciais distintas resultam da ordenação espacial sugerida por particulares modos de produzir. Isto é, em outras palavras, modos de se produzir que se realizam a partir das relações sociais, de mercado e de poder, determinando as modificações que ocorrem no plano das relações entre forma e função. Por outro, Acselrad (2009) defende a necessidade de se avaliar as externalidades negativas, pressupondo contrapor crescimento urbano com investimentos em infraestrutura e comprometimento com a preservação.

Ao explorar, no presente artigo, o diálogo entre as abordagens de autores como Corrêa, Lefebvre e Acselrad no sentido de construir reflexões sobre o futuro na periferia urbana metropolitana, busca-se salientar a preocupação com a mutabilidade das paisagens nesta região influenciada pela articulação de interesses entre os diversos agentes sociais e econômicos, assim como, o papel do planejamento frente aos efeitos das atividades produtivas sobre o ambiente. Nessa pretensa



Figura 1 - Distritos dos municípios de Niterói e de Maricá, RJ.

Fonte: Laboratório do Lugar e da Paisagem (LUPA/PPGAU/EAU/UFF) com base na imagem gravada no sítio eletrônico Google Maps, de maio de 2015.

A cidade que se move: mutabilidade da paisagem no leste metropolitano do Rio de Janeiro

Eloisa Carvalho de Araujo

articulação teórica, entre o urbano e o natural, pergunto existe uma paisagem idealizada para os territórios de borda? A postura do agir não seria então a de buscar identidades cultural, paisagística e ambiental para cada porção do território? Um rearranjo do território considerando a interferência da realidade sobre o idealizado. A cidade que se move, e ao mover-se soma uma série de paisagens, que precisam se organizar a partir das necessidades que surgem com a cidade difusa. Temas como a ocupação desordenada, a proteção e conservação ambiental, a agricultura urbana, a infraestrutura social e o fornecimento de serviços públicos, passam a viabilizar uma ideia de território, que não se esgota, se reinventa para absorver os efeitos externos e internos do urbano que se transforma, como expressão da diversidade.

O presente artigo foi subdividido a partir da introdução, em quatro segmentos que buscam propiciar reflexões e considerações sobre o tema abordado considerando o território alvo. O segundo se propõe a contribuir com o diálogo entre os autores Corrêa, Lefebvre e Acselrad, no sentido de construir reflexões considerando o fenômeno da periferização e da urbanização dispersa. O terceiro segmento nos permite discorrer sobre a diversidade que o espaço compõe considerando a natureza e o desenho metropolitano que vem se instaurando na área de estudo. No quarto segmento, a partir da constatação de ambientes culturalmente modificados e de uma nova paisagem nos propomos a apresentar, tal a dinâmica da transformação, um debate sobre visões e novos sentidos para as paisagens que se revelam. E, por fim, considerações a respeito da cidade que se move, sem pressa, descortinando um sem número de paisagens que acabam por configurar um quadro de mutabilidades na paisagem do leste metropolitano do Rio de Janeiro.

RELEITURAS DE UM TERRITÓRIO EM MUTAÇÃO – DIÁLOGO ENTRE AUTORES

Segundo Cavallazzi e Araujo (2012), as cidades brasileiras revelam-se como campo dos possíveis, passíveis de variações diante de um futuro por vir. Para as autoras, torna-se cada vez mais premente a exigência de estratégias em diferentes escalas de intervenção no território, com caráter multidisciplinar, frente a questões sobre o crescimento desordenado, a rápida urbanização e a degradação ambiental.

E esses novos territórios como são? Permeáveis, mutáveis, multifuncionais, ora urbanizados e unificados, ora em transição, dispersos, com exigência de articulação dos tempos, dos atores e dos projetos. Movidos pelo desejo, movidos por incertezas, movidos por temporalidades, e, sedutores às práticas de reprodução do capital.

Considerando o tripé que norteia o arcabouço teórico adotado no presente artigo baseado em obras de autores como Corrêa, Lefebvre e Acselrad no sentido de construir reflexões considerando o diálogo entre o fenômeno da periferização e da urbanização dispersa, no leste metropolitano, em especial as regiões leste e oceânica da cidade de Niterói, e suas bordas com a cidade vizinha de Maricá, o território deve aqui ser compreendido enquanto espaço de uso, espaço apropriado.

Nesse sentido, recuperamos a ideia de Corrêa (1986) de um espaço marcado pela universalidade e também pela singularidade. Espaço esse, não terminado e contínuo, fragmentado e articulado, reflexo e, ao mesmo tempo, condicionante social, simbólico e campo de lutas. Um espaço produzido por agentes, através de práticas e estratégias em face de contornos e especificidades do capitalismo. Onde para o autor, periferia passa a constituir-se de território rural em território submetido à urbanização. Onde o peso dessa transformação estaria associado às situações práticas e às organizações e grupos que

A cidade que se move: mutabilidade da paisagem no leste metropolitano do Rio de Janeiro

Eloisa Carvalho de Araujo

negociam e têm o controle sobre o solo, assim como aos conflitos gerados nessas negociações.

O perfil traçado pelo autor sobre o espaço criado nos direciona a pensar este como um grande mercado de terras, fruto da dinâmica do capital e de seus modos de reprodução.

É a referida expressão periferia urbana como relacionada ao próprio espaço urbano, reconhecível através de formas especialmente aptas a assegurarem determinadas relações sociais, certos tipos de comunicação e transmissão de atividades. Nesse campo, Corrêa (1986) enfatiza que é nesta periferia que se verifica a mudança do rural para urbano. E essa periferia rural-urbana se legitima através de processos sociais especializados.

Há de se considerar que no processo de transformação de uma zona rural para uma periferia rural-urbana, ou mesmo para uma periferia urbana com característica de área suburbana, destaca-se o papel dos agentes da produção do espaço urbano, conclui o autor.

Emergem daí, segundo Corrêa (1986), duas práticas distintas que originariam uma “periferia popular” e uma “periferia de status”. A primeira, entendida como lugar distante onde vive a grande massa trabalhadora, com habitações precárias, geralmente com ausência ou ineficácia de serviços de infraestrutura urbana ou de equipamentos públicos. A outra, constituída por condomínios residenciais para a população de média e alta renda, com serviços e infraestrutura ofertados na modalidade de parceria público-privada.

Quem sabe, acrescentaríamos outro formato mesclado por ambas, exacerbando a segregação sócio espacial e acabando por contribuir com um modelo de cidade que reforça o uso do automóvel e conforma o caráter de uma nova urbanização, uma nova paisagem (ARAUJO, 2013).

Porém, não deixando, contudo, de se observar a associação entre características regionais e locais da estrutura fundiária e a organização

espacial decorrente. Daí, não se poder dissociar a formação histórica e econômica da estrutura social e sua projeção no espaço.

O eixo do pensamento de Corrêa (1986) nos serve como referência para análise de áreas em processo de transformação do rural para o urbano e os estudos empíricos sobre a periferia rural-urbana podendo vir a esclarecer um ponto fundamental para a compreensão da realidade e das condições apropriadas a cada local.

Com esse pressuposto básico, o conhecimento dos mecanismos e dos agentes engajados dentro do processo de transformação de terras rurais em terras urbanas – proprietários fundiários e o Estado, sobretudo, permitirão aos estudiosos e técnicos que trabalham inseridos no contexto de planejamento urbano, melhor diagnosticar o processo de periferização urbana e seu ponto de partida.

Já Lefebvre (1991), ressalta que o espaço tanto expressa as relações sociais quanto reage diretamente sobre elas repercutindo em relações espaciais que sinalizam possibilidades de um futuro por vir, em processo de produção e criação, de forma simultânea. Seria um espaço real, um espaço de um hibridismo voraz, com distintas especificidades. De contornos materiais perceptíveis, codificáveis e passíveis de serem apropriados.

Mas as transformações do rural para o urbano expressam, segundo o mesmo autor, em sua obra “Direito à Cidade”, de 1999, não somente que o urbano está e sempre esteve em uma relação de dominância frente ao rural no plano político, econômico e cultural, mas, sobretudo, que suas formas têm o poder de transformar o território.

No entanto, Lefebvre não ressalta o papel da arquitetura no uso do espaço, na produção do espaço social e, portanto, responsável por sua mutação, continuidade e descontinuidade. É como se os modos de vida dessa sociedade urbana fossem guiados para conceber uma cidade por vir.

A cidade que se move: mutabilidade da paisagem no leste metropolitano do Rio de Janeiro

Eloisa Carvalho de Araujo

Uma cidade abstrata surge sob a égide de uma nova urbanização exacerbando conflitos de natureza urbana. Porções de um território aonde a urbanização chegou recentemente, propiciando a base do processo de periferação. Onde, a partir da visão do autor, trata-se o termo de explicitar um espaço marcado por lutas do capitalismo onde a cidade e o urbano, se revelam indissociáveis nas relações.

Nessa construção o autor, explicita dois processos a serem considerados, a implosão e a explosão. O primeiro, decorrente do processo de industrialização, negou à cidade suas especificidades, suas faces, se abastecendo de matéria prima e de mão-de-obra, perdendo a cidade, segundo o autor, sua força motriz, sua potência social. O segundo, a explosão da cidade em partes, em fragmentos desconexos, em uma periferia, onde o urbano aparece como indecifrável.

Para o autor esse duplo processo de "implosão-explosão", conforma uma cidade abstrata. Fundamentada no esvaziamento da qualidade das relações espaço-tempo, dos costumes, exacerbando uma condição quantitativa, expressa no cotidiano e movida por um ideal de consumo.

Se por um lado as contribuições de Lefebvre (1991) explicitam esses aspectos, por outro também valorizam o conflito e as contradições entre cidade e urbano frente às transformações postas, frente ao movimento de homogeneização do capital, frente às diferenças. Segundo o autor, ambientados por uma complexidade que também une a mundialização do urbano, a relação cidade e urbano acaba por mascarar a exploração e as lutas sociais. Em um processo dialético entre ambos, tem-se a presença da forma essência (urbano) e da forma material (cidade), em um movimento de certo modo pautado por uma relação de esquizofrenia do urbano sobre a cidade.

Nesse sentido, poderíamos depreender que a periferia, para o autor, na perspectiva da conformação de partes, de fragmentos, ganha expressão à medida que ressalta as relações do urbano que se anuncia,

em um movimento contínuo e complexo. Movimento este, cunhado por uma expressão que, para sobreviver na contemporaneidade, necessita valorizar leituras, vivências e experiências e, sobretudo, considerar as diferenças.

Já para Acselrad (2009) a leitura que fazemos do seu artigo "Sentidos da Sustentabilidade Urbana", as diferentes representações sociais e os valores a ela associados pode também contribuir para compreender os novos sentidos da urbanização contemporânea.

De certa forma o autor reafirma na periferia que a ambientalização, enquanto discurso e debate sobre política urbana, perde significado para a cidade formal. Isto é, não produza alterações substantivas no território. Para que tais alterações sejam valorizadas seria necessário, segundo o autor, posicionar a sustentabilidade como um eixo de atratividade de investimentos, no contexto da competição global, para dirimir conflitos e contradições do modo como essas áreas das cidades são reguladas, entre outros aspectos.

A simples feição da periferia urbana, sugere o autor, como campo aberto às práticas de um capitalismo em sua fase flexível, a predispõe a conviver com um processo que institucionaliza a divisão social do espaço com riscos ambientais.

Para o autor, a exigência por um ordenamento espacial regulamentar da cidade estaria, sobretudo nessas áreas de borda, e, em especial em relação a sua dimensão ambiental, sem coordenação respectiva, sujeito a uma escala de forças oriundas de práticas e estratégias dos agentes movidos pelos interesses e especificidades da reprodução do capital. Cujo relevo de tal tendência ao crescimento parecem conspirar contra a possibilidade da cidade ambientalmente sustentável, seja do todo, seja das partes que se somam.

As reflexões postas pelo autor revelam também a problemática do consumo da natureza frente à urbanização dispersa, enquanto

A cidade que se move: mutabilidade da paisagem no leste metropolitano do Rio de Janeiro

Eloisa Carvalho de Araujo

relevância do debate sociedade-natureza. Para o referido autor, no padrão de urbanização dispersa, acentua-se que as áreas verdes passam a ser moeda de troca no processo de expansão urbana, se tornando alvo fácil de tensão e fragilização.

A DIVERSIDADE DE RELAÇÕES QUE O ESPAÇO COMPÕE – A MATERIALIDADE DO REAL

Reflexo das grandes e rápidas transformações espaciais mais recentes, a partir da década de 1970, o território compreendido pelas regiões leste e oceânica da cidade de Niterói, e suas bordas com a cidade vizinha de Maricá, apresenta-se hoje submetido a pressões diversas derivadas dos eixos/vetores de expansão. O primeiro eixo oriundo de ambientes urbanos, em consolidação, junto à Rodovia RJ-106, provenientes da microrregião formada pelos bairros da Região Leste de Niterói - Rio do Ouro e Várzea das Moças e Inoã em Maricá. O segundo eixo, decorrente do crescimento urbano junto ao cruzamento das Rodovias Estaduais RJ-106 e RJ-114, no município de Maricá, em direção ao município de Itaboraí, e, por fim, o terceiro eixo, na Região Oceânica de Niterói, na faixa compreendida entre o Parque Estadual da Serra da Tiririca e a Reserva Darcy Ribeiro.

Um crescente número de novos parcelamentos vem sendo implantados nessa área de expansão urbana das cidades alvo, o que sugeriu a investigação sobre as intervenções urbanísticas, o modo como as cidades, nesse território vem sendo reguladas e as consequências sobre o meio ambiente.

Em um contexto urbano-ambiental, algumas questões apresentam-se como relevantes às transformações em curso, como o crescimento da mancha urbana, a alteração da paisagem e do uso do solo, tensões sobre as áreas preservadas, a criação de novas demandas de serviços

públicos, a criação de novas demandas de comércio e serviço entre outros aspectos.

Sobre a investigação do papel da infraestrutura urbana no desenvolvimento do território em análise e sua inserção na escala urbano e regional constatamos um processo de urbanização que conforma a cidade que se espraia, exigindo, cada vez mais, vultosos investimentos em infraestrutura.

Verifica-se que o espaço urbano produzido, nas cidades alvo, vem se dando através de um processo que replica a dinâmica de outras regiões metropolitanas brasileiras. Santos (1979) aborda essa questão quando associa ao fenômeno da urbanização fatores como comportamento demográfico, grau de modernização e de organização dos transportes, o nível de industrialização, os tipos de atividades e relações que o espaço mantém com os grupos sociais envolvidos, além dos efeitos diretos ou indiretos da modernização sobre a política, a sociedade, a cultura e a ideologia.

Esse novo padrão de ocupação urbana tem, segundo Reis Filho (2006), como pressuposto uma malha urbana fragmentada e o desenvolvimento urbano de forma não-conurbada, propiciando a formação de áreas urbanas descontínuas aos tecidos já existentes, com o surgimento de novas centralidades, a partir de múltiplas formas de utilização, pontualmente mais isoladas, características que correspondem à urbanização dispersa.

No entanto, a natureza e o desenho metropolitano que vem se instaurando na área de estudo nos possibilitou associar, seja pelas mudanças espaciais e novas exigências frente ao papel do Estado, no âmbito da sociedade e do território fluminense, seja pela natureza das aproximações decorrentes da estratégia de localização dos investimentos em infraestrutura, uma gama de paisagens em formação.

A cidade que se move: mutabilidade da paisagem no leste metropolitano do Rio de Janeiro

Eloisa Carvalho de Araujo

Segundo Lefebvre (1999; 1991) a produção do espaço, social e material, tenta relacionar o ambiente transformado a partir da paisagem em um contexto de expansão urbana. Onde a periferia seria parte da realidade urbana e a urbanização um modo a ser perseguido, revelando tensões e conflitos consequentes. O autor também atribui a essa periferia, elementos da natureza, de valor de uso/valor de troca, bem comum/mercadoria, como espaço diferencial, com possibilidades de múltiplas transformações (COSTA, 2015).

A preocupação com a organização do espaço e a distribuição das sequências de ocupação muitas vezes se revelam através de dispositivos de controle do espaço urbano, pela falta de serviços públicos, plano de ordenamento do solo, zoneamento e regulamentações adequadas, entre outros aspectos.



Figura 2: Rua Bairro Engenho do Mato, Niterói, RJ.

Fonte: ARAUJO, E. C., 2014.



Figura 3: Condomínio Região Oceânica, Niterói, RJ.

Fonte: ARAUJO, E. C., 2014.

A cidade que se move: mutabilidade da paisagem no leste metropolitano do Rio de Janeiro

Eloisa Carvalho de Araujo

A partir desse quadro referencial questões se colocam como ratificadoras da diversidade de relações que compõe o espaço em análise: Será que entre o rural e o urbano e o urbano e o natural, existe uma paisagem idealizada para os territórios de borda? Um rearranjo do território poderia admitir a interferência da realidade sobre o idealizado, sobretudo quando esses territórios de borda inserem-se em áreas de acervo ambiental significativo?

De toda forma, o debate socioambiental precisa ser ampliado, à medida que ganha importância o diálogo entre o fenômeno da periferação e urbanização dispersa.

O cenário objeto do estudo que contempla as regiões leste e oceânica da cidade de Niterói, e suas bordas com a cidade vizinha de Maricá, suas formas urbanas recentes em um contexto da urbanização difusa apresenta a região influenciada pela articulação de interesses entre os diversos agentes sociais e econômicos, assim como, o papel do planejamento frente aos efeitos das atividades produtivas sobre o ambiente.

A cidade que se move, e ao mover-se soma uma série de paisagens, que precisam se organizar a partir das necessidades que surgem com a cidade difusa. Temas como a ocupação desordenada, a proteção e conservação ambiental, a agricultura urbana, a infraestrutura social e o fornecimento de serviços públicos, passam a viabilizar uma ideia de território, que não se esgota, se reinventa para absorver os efeitos externos e internos do urbano que se transforma, como expressão da diversidade.

Certamente, estes gestos de mudança procuram estabelecer lógicas de relação, contiguidade e função que se tornam objeto de uma ação de projetos de escalas múltiplas. Onde a ação de ordenação do território se configura em uma região extensa, composta por elementos primários na configuração dos espaços, como centralidades existentes, áreas de

produção, áreas de acervo ambiental e estradas que possam desenhar um conjunto integrado e integrador. Entendemos assim como uma nova escala da cidade e de urbanismo que busca concretude e especificidade no processo socioespacial.

Caracterizam-se assim como áreas urbanas ou de crescimento urbano previsível, cuja solução não se resolverá na gestão do município, e, necessariamente, solicitam uma escala supramunicipal ou projetos urbanos de alcance regional, que evidenciam a necessidade de estruturação voltada para a realidade do território que se apresenta disperso. Medidas que assegurem o equilíbrio, a coerência do ordenamento e a relação entre partes e redes de linhas e nós estabelecidos sobre o grande perímetro e suas peculiaridades. O que não significa isenta de conflitos.

Na expectativa de estabelecer uma estrutura para o desenvolvimento, são os aspectos de mobilidade, e em especial a rede de estradas e rodovias que passam a ter um papel decisivo, como elemento de coesão e fluxos. Ordenar os espaços urbano, regional e metropolitano utilizando a complementaridade dos sistemas rodoviário estadual e municipal, em conjunto com outros investimentos, possibilita estabelecer uma abordagem renovadora do planejamento, de forma transescalar.

Mas, além de pretender dar conta dos processos em curso, periferação urbana e urbanização dispersa, e dos laços que os unificam, não podemos perder de vista o quanto os mesmos se imbricam, assim como os da globalização e da metropolização, em face, sobretudo, que na atualidade, a compreensão da noção espaço-tempo não pode mais ser analisada de forma isolada (SANTOS, 1996).

À medida que estamos diante de um território em mutação, não se trata de reforçar a dualidade dos espaços, mas sim valorizar a mutabilidade de paisagens e considerar que na perspectiva de uma

A cidade que se move: mutabilidade da paisagem no leste metropolitano do Rio de Janeiro
Eloisa Carvalho de Araujo

cidade que reforça a desigualdade de acesso aos direitos sociais e a segregação residencial, estas paisagens atuam como reveladoras de um processo que, diante da globalização, revela a dissolvência do espaço urbano transformando-o em espaço metropolitano, despolitizado e frágil, a mercê dos impulsos de um Estado que realiza à luz dos interesses do mercado.

Parte desta investigação baseia-se na abordagem entorno da utilização de imagens de satélite, com enfoque na representação e análise do espaço urbano para, sobretudo, elucidação dos conflitos urbano-ambientais.

AMBIENTES CULTURALMENTE MODIFICADOS – PAISAGENS SE REVELAM

O meio no qual as áreas de transição se desenvolvem pode variar significativamente entre as diferentes cidades e muitas vezes não é perceptível na paisagem, tal a dinâmica da transformação. Por outro, as formas criadas nesse espaço estão ligadas por uma orientação comum a um ou mais centros urbanos.

A chave para o entendimento dessa questão, ao considerar a variável territorial a partir do tripé, sítio, sociedade e ambiente construído, é que esse território faz parte de uma contínua e ao mesmo tempo descontínua expansão da cidade, de sua dispersão.



Figura 4: Imagem Condomínio Ubá Floresta.
Fonte: Sítio eletrônico Google Maps, 2015.



Figura 5: Portaria condomínio Ubá Floresta.
Fonte: Sítio eletrônico Google Street View, 2015.

A cidade se espalha e ressalta a desigualdade entre os lugares, sem falar de outros tipos de desigualdade, sobretudo, para influir na disputa pela apropriação de recursos naturais e bens ambientais, tudo porque a urbanização precisa prosseguir.

Nesse ímpeto de prosseguir, se considerarmos o crescimento urbano como inevitável para as cidades e suas partes, a busca de alternativas de projetos que resgatem os valores dos acervos ambientais em risco, algumas questões revelam-se como desafios postos: Quais seriam as mediações possíveis? Surge o Parque como espaço mediador. Seria ele suficiente? Quais as características de urbanização que este território sugere? Um ambiente híbrido?

Para Swyngedouw (2001) o próprio ambiente urbano é uma mistura de social e natural, real e fictício, tudo integrado. Onde, segundo o autor, essa "coisa híbrida socionatural" chamada cidade se revela repleta de contradições, tensões e conflitos, contribuindo para a transgressão de normas e a formação de espaços fronteiriços.

Em um debate mais contemporâneo, segundo Acselrad (2009), uma cidade ambientada a partir de disputas e interesses responsáveis e comprometidos com a produção do espaço urbano, onde a noção

A cidade que se move: mutabilidade da paisagem no leste metropolitano do Rio de Janeiro
Eloisa Carvalho de Araujo

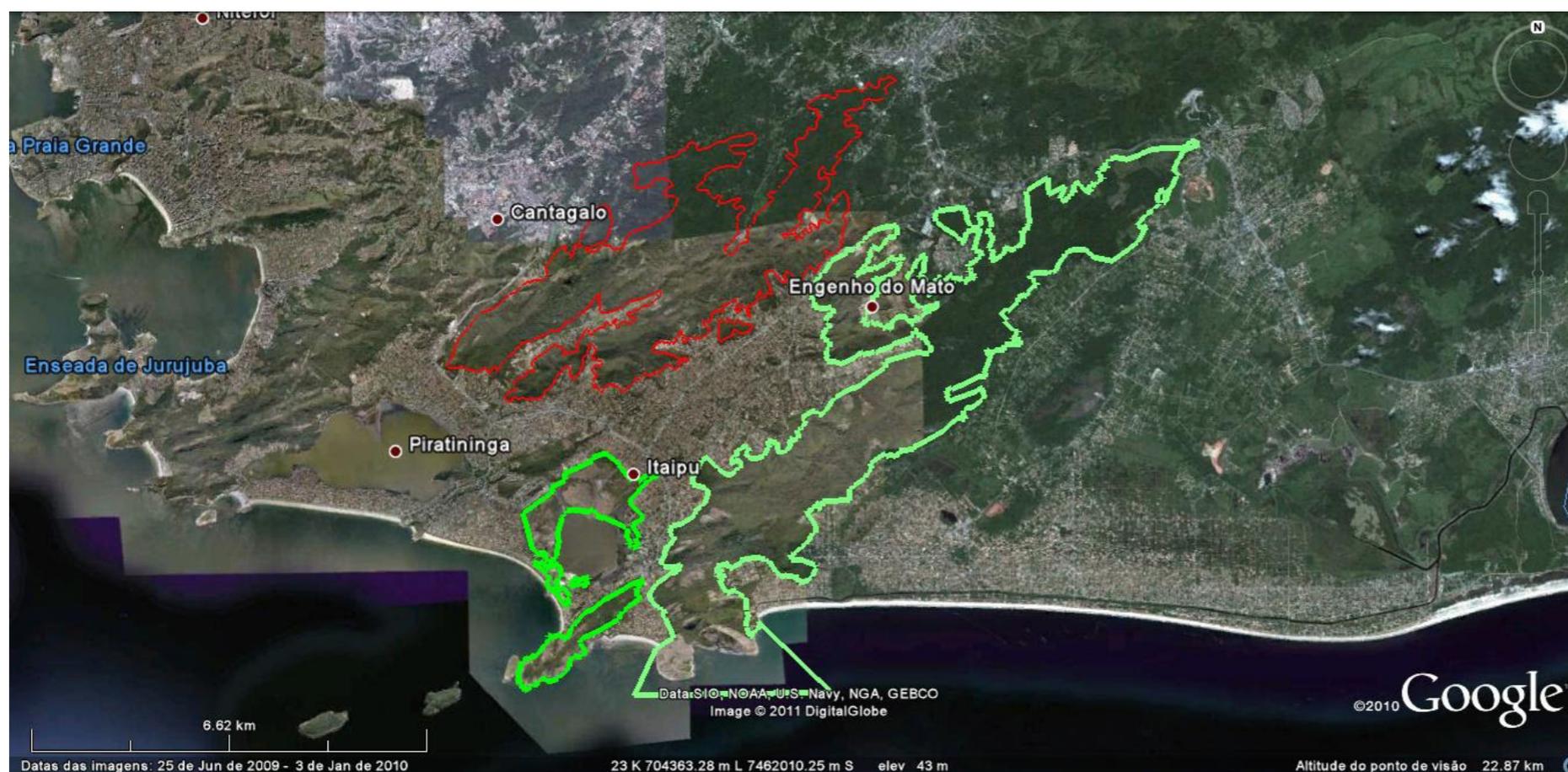


Figura 6: Limites do Parque Municipal Darcy Ribeiro (vermelho), município de Niterói e do Parque Estadual da Serra da Tiririca (verde), divisa dos municípios de Niterói e Maricá, RJ.

Fonte: axelgrael.blogspot.com, com base no sítio eletrônico do Google Maps, 2011.

de sustentabilidade que se impõe se apoia em propósitos voltados a dar durabilidade ao desenvolvimento.

De certo modo, o autor contribui com a ideia de um território com características próprias comprometido com um modelo de dispersão urbana, menos integrado, nos permitindo refletir sobre a formação de periferias urbanas decorrentes de dinâmicas específicas do capitalismo.

Nesse aspecto, entendemos que o debate aqui proposto vem contribuir para a noção de um território formado a partir de um mosaico de paisagens nos direcionando a também compreender o território em análise com base no estudo da paisagem. Fruto da ação humana, historicamente construída, com enfoque no lugar, enquanto

porção do território onde se realiza o cotidiano, priorizando o espaço vivido.

Possibilidades se descortinam a partir da consideração de que consequências terão advindo dessas importantes alterações na paisagem? Ou mesmo, o que torna este espaço experimento do olhar, experimento do observar?

Esta linha de pensamento, segundo Holzer (2003) se define como fenomenológica ou existencialista, priorizando a dimensão subjetiva e da experiência pessoal. Onde através do espaço vivido, mentalmente elaborado pela experiência este espaço é descrito.

A cidade que se move: mutabilidade da paisagem no leste metropolitano do Rio de Janeiro
Eloisa Carvalho de Araujo

De acordo com Cosgrove (1989), a paisagem está intimamente ligada a uma nova maneira de ver o mundo, onde o observador deve fazer parte do processo de leitura, através do desenvolvimento de um conhecimento verdadeiramente pessoal. Nada mais do que exercitar uma observação participante.

Todavia o conceito de paisagem, enquanto referenciado na geografia cultural como importante viés para a leitura e apreensão a partir das representações sociais, ao nos deparar com a paisagem fragmentada, percebemos que esta nem sempre dá conta de apreender a diversidade de relações que o espaço compõe.

Nesse sentido, apreender da área em estudo, de suas muitas camadas de leitura, de suas muitas camadas de significados seria oportuno mesclar os conceitos de paisagem e território, para dar conta de uma análise sobre uma variabilidade de paisagens culturais contemporâneas, que se constituem, em grande parte, a partir da articulação de diversas espacialidades.

Enquanto recurso teórico propomos abordar o conceito de paisagem a partir da ideia de sua mutabilidade. Isto é, ao utilizar o conceito de paisagem cultural, adotamos a premissa de explicitar o fato geográfico, valorizando o que está contido no espaço, sobretudo, as transformações espaciais, como estas se revelam e como o espaço é influenciado pelas mesmas, e, por fim, mas não mais importante, a apreensão do todo, do espaço plural, a partir das práticas cotidianas.



Figura 7: Praça Central Engenho do Mato.
Fonte: ARAUJO, E. C.



Figura 8: Coreto da Praça Engenho do Mato.
Fonte: ARAUJO, E. C.



Figura 9: Acesso Condomínio Residencial.
Fonte: ARAUJO, E. C.



Figura 10: Acesso Chácara, Engenho do Mato.
Fonte: ARAUJO, E. C.

Nesse aspecto, a interpretação da contribuição de Corrêa (1998), no sentido de valorizar o papel da cultura enquanto ente que proporciona a diversidade da organização espacial e sua dinâmica, assim como, de Cosgrove (1998) que, de forma emblemática, posiciona a cultura como elemento que é determinado e determinante da consciência e das práticas humanas, nos direciona para a adoção da paisagem a partir da ideia de sua mutabilidade.

A cidade que se move: mutabilidade da paisagem no leste metropolitano do Rio de Janeiro

Eloisa Carvalho de Araujo

Com base na aceitação deste recurso teórico, a compreensão da paisagem cultural, tal qual se apresenta na área de estudo, enquanto fragmentos e partes de um todo que se completa, é percebida não só apenas por sua forma, função e estrutura, mas também por práticas cotidianas, que explicitam relações com o meio, baseada em representações e valores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Certamente o universo aqui apresentado sobre a “cidade que se move – mutabilidades da paisagem no leste metropolitano do Rio de Janeiro” e que teve como cenário as regiões leste e oceânica da cidade de Niterói, e suas bordas com a cidade vizinha de Maricá, dentro de um contexto de urbanização dispersa permitiu-nos apresentar reflexões e considerações sobre o tema, seja a partir de recursos teóricos seja a partir de vivências investigadas.

O contraste do território analisado revela uma urbanização em curso, dispersa no seu formato, privilegiando, por um lado, a apropriação da natureza exuberante, e, por outro, formas urbanas recentes convivendo com uma área de periferia urbana. Onde se percebe múltiplas representações que se destacam através de uma paisagem que reúne condomínios de luxo, espaços com moradias segregadas e degradadas, indústrias e comércio no entorno de rodovias.

Essa onda de crescimento, oriunda do município de Niterói, espalhou-se para o entorno da Rodovia RJ-106, no sentido Maricá, mais propriamente no entorno do bairro de Inoã. Com a alteração da paisagem urbana, do uso do solo decorrente do crescimento urbano ao longo da Rodovia RJ-106, próximo aos bairros do Rio do Ouro e Várzea das Moças, ambos no município de Niterói, e aos bairros de Inoã e Itaipuaçu, no município de Maricá, amplia-se a demanda por

investimento em mobilidade urbana, qualidade ambiental do espaço público e privado.

Ao discorrer sobre a diversidade que o espaço analisado compõe considerando a natureza e o desenho metropolitano que vem se instaurando, assim como, a constatação de ambientes culturalmente modificados, verificou-se uma nova paisagem, com dinâmica própria.

Reforçamos a ideia de que o espaço urbano que aí se consolida, de certa forma disputa presença com atividades marcadas pela metropolização. O que enfatiza a complexidade do processo de urbanização que prossegue, que une de forma integrada, o urbano e o rural. Em um processo marcado pela resignificação e percepção de paisagens em forma de um mosaico permanente.

De modo que as contribuições expressas reafirmam a necessidade de se refletir sobre o crescimento das cidades brasileiras em um contexto de uma urbanização cada vez mais periférica, difusa, dispersa ou espalhada, em um movimento complexo diante da abrangência e da diversidade de características do espaço urbano contemporâneo.

No campo do direito à cidade sustentável Cavallazzi e Araujo (2013) reforçam a ideia do cumprimento de soluções que contemplem não só a capacidade de resiliência, mas também o atendimento às normas que visam dar sustentação e legitimidade aos planos e projetos, sem perder o compromisso com a realidade e com a capacidade inclusiva de pessoas e espaços.

Os processos de periferização urbana e urbanização dispersa ganham, a partir da investigação apresentada, novos contornos e possibilidades. Descontinuidades territoriais, nas formas espaciais de dispersão e fragmentação urbana podem sim despertar novos sentidos para a paisagem urbana.

A partir da abordagem da paisagem cultural, o cenário analisado pode ser configurado como uma paisagem híbrida, carregada de símbolos e

A cidade que se move: mutabilidade da paisagem no leste metropolitano do Rio de Janeiro

Eloisa Carvalho de Araujo

significados, na qual nos deparamos com marcas de tempos passados, influências do novo, e diversos elementos outros que contribuem para compor e valorizar o urbano que se impõe.

De modo que, visões diferenciadas nos permitem refletir sobre novos sentidos para as paisagens que aí se revelam, como que em um movimento que ratifica a urbanização que prossegue e amplia a necessidade de valorização da vida urbana. Entretanto, julgamos que não esgotamos as possibilidades de ampliar recursos teóricos que possam constituir base para as argumentações aqui apresentadas, apenas alimentamos reflexões. ☉

REFERÊNCIAS

- ACSELRAD, H. Sentido da Sustentabilidade. In: ACSELRAD, H. (Org.) **A Duração das Cidades: sustentabilidade e risco nas políticas urbanas**. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. p.43-70.
- ARAUJO, E. C. **Problemas Urbano-ambientais e o Direito à Cidade**. Anais do XIII SIMPURB. Rio de Janeiro, UERJ, 2013.
- ARAUJO, E.C. **Relatório Final de Pesquisa – Infraestrutura e Cidade: relação entre espaço e meio ambiente**. FAPERJ/UFF, 2014.
- CAVALLAZZI, R. L.; ARAUJO, E.C. Políticas públicas e paisagem urbana: sugestão de pauta para uma agenda metropolitana. In: COSTA, L. M. S. A.; PINHEIRO MACHADO, D.B. (Org.) **Conectividade e Resiliência – estratégias de projeto para a metrópole**. Rio de Janeiro: Rio Books/PROURB, 2012.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 1986.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Apresentando leituras sobre paisagem, tempo e cultura. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p.92–122.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Geografia cultural: passado e futuro: uma introdução. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p.49-58.
- COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p.92-122.
- COSGROVE, Denis. Geografia cultural do milênio. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p.17-46.
- COSTA, Heloisa. Natureza e Cidade na Periferia: ampliando o direito à cidade. In: COSTA, Geraldo Magela; COSTA, Heloisa S. M.; MONTE-MÓR, Roberto Luís M. (Orgs.) **Teorias e Práticas Urbanas**. Condições para a sociedade urbana. Belo Horizonte: C/Arte, 2015. p.41-54.
- FERREIRA, A. et al. (Orgs.). **Metropolização do espaço: gestão territorial e relações urbano-rurais**. Rio de Janeiro: Consequência, 2013.
- GAMALHO, N.P.; HEIDRICH, A.L. 2007. (RS). **Espaço e representações: construções teóricas do geográfico**; Anais, Edição do NEER Geografia/UFPR, Curitiba, v. 1, n. 1, 2007. Disponível em: <<http://www.neer.com.br/anais/NEER-1/comunicacoes/nola-gamalho.pdf>>. Acesso em: 02 de maio de 2016.
- HAESBAERT, R. **Territórios Alternativos**. Niterói: EdUFF; São Paulo: Contexto, 2002.
- LEFEBVRE, Henri. **The Production of Space**. Oklahoma: Blackwell, 1991.
- LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Centauro, 1999.
- OJIMA, Ricardo. Dimensões da urbanização dispersa e uma proposta metodológica para estudos comparativos. **Revista brasileira de estudos populacionais**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 277-300, jul./dez, 2007.

A cidade que se move: mutabilidade da paisagem no leste metropolitano do Rio de Janeiro
Eloisa Carvalho de Araujo

REIS FILHO, N. G. **Notas sobre a urbanização dispersa e novas formas de tecido urbano**. São Paulo: Via das Artes, 2006.

SANTOS, Milton. **Espaço e Sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1979.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço – Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SWYNGEDOUW, E. A cidade como um híbrido: natureza, sociedade e “urbanização-cyborg”. In: ACSELRAD, Henri (org). **A duração das cidades**. Rio de Janeiro: D,P.& A., 2001.

HOLZER, Werther. O Conceito de Lugar na Geografia Cultural-Humanista: uma contribuição para geografia contemporânea. **GEOgraphia**. Ano V, n.10, 2003. Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/download/130/127>>. Acesso em: 02 de maio de 2016.

Submetido em Março de 2017.

Revisado em Agosto de 2017.

Aceito em Outubro de 2017.